

ANÁLISE DA OBRA NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

ANALYSIS OF NIKETCHE: A STORY OF POLYGAMY, BY PAULINA CHIZIANE

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística & Letras e
Artes

• 09/07/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/783218882](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/783218882)

Néuma Tacilifa Reginaldo Xavier¹

Luís Heleno Montoril Del Castelo²

RESUMO

Este artigo analisa *Niketché: Uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane, com o objetivo de compreender como a narrativa utiliza a poligamia para problematizar as relações entre patriarcado, tradição cultural e emancipação feminina na sociedade moçambicana pós-colonial. A pesquisa é bibliográfica, qualitativa e fundamentada na leitura crítica da obra, articulada a contribuições dos estudos literários, feministas e pós-coloniais. Defende-se que o romance não apresenta a poligamia apenas como prática cultural, mas como dispositivo narrativo que evidencia desigualdades de gênero, violência simbólica e formas de controle sobre o corpo e a subjetividade das mulheres. A trajetória de Rami revela um processo de conscientização marcado pela passagem da submissão individual à solidariedade feminina, enquanto elementos como oralidade, provérbios, rituais e dança reforçam a identidade cultural moçambicana. Conclui-se que *Niketché* constitui uma crítica social às estruturas patriarcais e uma reflexão literária sobre resistência, identidade e transformação feminina em contextos africanos contemporâneos.

Palavras-chave: Poligamia; Mulher; Cultura; Feminismo; Literatura moçambicana.

ABSTRACT

This article analyzes *Niketché: A Story of Polygamy*, by Paulina Chiziane, in order to understand how the narrative uses polygamy to question the relationship between patriarchy, cultural tradition, and female emancipation in postcolonial Mozambican society. The research is bibliographical and qualitative, based on a critical reading of the novel and supported by contributions from literary, feminist, and postcolonial studies. The article argues that the novel does not present polygamy merely as a cultural practice, but as a narrative

device that exposes gender inequalities, symbolic violence, and forms of control over women's bodies and subjectivities. Rami's trajectory reveals a process of awareness that moves from individual submission to female solidarity, while elements such as orality, proverbs, rituals, and dance reinforce Mozambican cultural identity. The study concludes that *Niketché* is both a social critique of patriarchal structures and a literary reflection on resistance, identity, and female transformation in contemporary African contexts.

Keywords: Polygamy; Women; Culture; Feminism; Mozambican Literature.

1. INTRODUÇÃO

A literatura africana de língua portuguesa tem desempenhado um papel fundamental na denúncia das desigualdades sociais, culturais e políticas existentes nas sociedades pós-coloniais. Em Moçambique, uma das vozes mais importantes dessa literatura é Paulina Chiziane, considerada a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Sua obra apresenta uma forte crítica social, especialmente em relação à condição feminina, à tradição patriarcal e às contradições culturais do país.

O romance *Niketché: Uma História de Poligamia*, publicado em 2002, é uma das obras mais conhecidas da autora. O livro aborda a poligamia, a submissão da mulher, a violência simbólica e os conflitos culturais entre o norte e o sul de Moçambique. A narrativa acompanha Rami, esposa de Tony, que descobre a existência de várias mulheres na vida do marido e, a partir dessa descoberta, inicia um processo de transformação pessoal e coletiva.

A obra destaca-se por apresentar uma crítica profunda ao patriarcado, mostrando como as mulheres são condicionadas socialmente a aceitar a dominação masculina. Além disso, Paulina Chiziane utiliza elementos da oralidade africana, provérbios, danças tradicionais e costumes culturais para construir uma narrativa rica em identidade moçambicana.

Este artigo tem como objetivo analisar como *Niketche* transforma a poligamia em eixo de crítica às relações patriarcais, evidenciando a passagem da dor individual de Rami para uma experiência coletiva de consciência, solidariedade e resistência feminina.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

A obra *Niketche: Uma História de Poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, foi publicada em 2002, num período em que Moçambique enfrentava profundas transformações sociais, políticas e culturais após a independência nacional. O país conquistou a independência de Portugal em 1975, porém as consequências do colonialismo português continuaram presentes na estrutura social, económica e cultural da sociedade moçambicana. Além disso, a guerra civil moçambicana (1977–1992) agravou ainda mais as desigualdades sociais, especialmente aquelas relacionadas à condição feminina.

A literatura surge como instrumento de denúncia social e reflexão crítica sobre os problemas enfrentados pela sociedade pós-colonial. Para Candido (2006), a literatura possui uma função humanizadora, pois permite compreender os conflitos sociais e culturais vividos por um povo. Em *Niketche*, Paulina Chiziane utiliza a narrativa para

expor as desigualdades de gênero, a violência simbólica contra as mulheres e os conflitos culturais existentes em Moçambique.

A sociedade apresentada no romance caracteriza-se por uma forte diversidade cultural entre o norte e o sul do país. O sul moçambicano é retratado como uma região marcada pelo patriarcado rígido, no qual a mulher ocupa uma posição de submissão em relação ao homem. Já no norte, algumas práticas culturais demonstram maior valorização feminina, aproximando-se de estruturas matrilineares. Essa diferença cultural é evidenciada no comportamento das personagens femininas ao longo da narrativa.

De acordo com Bonnici (2007), as sociedades patriarcais africanas foram profundamente influenciadas pela colonização europeia, que reforçou sistemas de dominação masculina e contribuiu para a marginalização das mulheres. Dessa forma, Paulina Chiziane demonstra que muitos costumes considerados “tradicionais” sofreram alterações durante o processo colonial, tornando-se instrumentos de opressão feminina.

A autora também problematiza a questão da poligamia, um dos principais temas da obra. Em *Niketche*, a poligamia não é apresentada apenas como prática cultural africana, mas como um sistema marcado por desigualdades de poder. Tony, personagem masculino central, utiliza a tradição para justificar sua autoridade e domínio sobre várias mulheres. Entretanto, percebe-se que ele não assume responsabilidades afetivas nem familiares de maneira equilibrada, revelando uma prática poligâmica associada ao egoísmo e à dominação patriarcal.

Nesse sentido, a leitura de Mata contribui para compreender a forma como a obra questiona visões idealizadas da tradição africana:

A obra de Paulina Chiziane desconstrói a visão romantizada da tradição africana, mostrando que determinadas práticas culturais podem ser utilizadas para legitimar injustiças sociais. Assim, a autora propõe uma reflexão crítica sobre os limites entre tradição cultural e violação dos direitos femininos (MATA, 2010).

O título *Niketché* possui forte valor simbólico. O termo remete a uma dança tradicional praticada no norte de Moçambique em rituais femininos, associada à sensualidade, à liberdade corporal e à celebração da feminilidade. No romance, essa dança passa a representar também o despertar da consciência feminina e a busca de autonomia diante da opressão patriarcal. Ao mobilizar provérbios, cantos, narrativas orais e discursos simbólicos, Chiziane aproxima a estrutura do romance da tradição oral africana. Segundo Leite (2012), a oralidade constitui uma das principais características da literatura africana, pois preserva a memória cultural e fortalece a identidade coletiva.

Niketché deve ser compreendida não apenas como uma narrativa sobre poligamia, mas como uma obra de forte crítica social, cultural e feminista. A autora denuncia as desigualdades enfrentadas pelas mulheres moçambicanas e, simultaneamente, valoriza aspectos importantes da cultura africana, promovendo reflexões sobre identidade, tradição e emancipação feminina.

3. SÍNTESE DA OBRA

A narrativa de *Niketché: Uma História de Poligamia* é conduzida por Rami, personagem principal e narradora da história. Ela é esposa de

Tony, um comandante da polícia respeitado socialmente. No início da obra, Rami acredita viver em um casamento estável e monogâmico, baseado nos valores tradicionais da família moçambicana. Entretanto, sua vida sofre profundas mudanças quando descobre que o marido mantém relações amorosas com várias mulheres em diferentes regiões do país. A descoberta provoca inicialmente sentimentos de revolta, humilhação e sofrimento psicológico. Rami sente-se traída e questiona sua própria condição como mulher e esposa. Porém, ao invés de limitar-se ao conflito com as outras mulheres, ela decide procurá-las e conhecê-las pessoalmente. Esse contato transforma completamente sua visão sobre o casamento, a poligamia e a posição feminina na sociedade.

Ao longo da narrativa, Rami percebe que todas as mulheres de Tony vivem situações semelhantes de abandono afetivo, dependência econômica e submissão masculina. Cada uma delas representa diferentes realidades culturais de Moçambique, evidenciando a diversidade étnica e social do país. Apesar das diferenças, todas compartilham a experiência comum da opressão patriarcal.

Segundo Beauvoir (1980), a sociedade patriarcal historicamente condiciona a mulher à submissão e à dependência do homem. Essa realidade é claramente observada na obra, uma vez que as personagens femininas foram educadas para aceitar o sofrimento como parte natural do casamento.

Tony representa a figura do homem patriarcal autoritário, que utiliza argumentos culturais e tradicionais para justificar seus comportamentos. Ele exerce poder sobre as mulheres através da manipulação emocional, da autoridade masculina e do controle econômico. Entretanto, Paulina Chiziane demonstra que o problema

central não está apenas na poligamia, mas na desigualdade existente nas relações de gênero. Com o passar do tempo, Rami desenvolve uma consciência crítica sobre sua condição feminina. A convivência com as outras mulheres desperta sentimentos de solidariedade e união, substituindo a rivalidade inicialmente esperada. As mulheres passam a apoiar-se mutuamente, formando uma rede de resistência contra a dominação masculina.

Essa união feminina constitui um dos elementos mais importantes do romance. Segundo Bourdieu (2012), a dominação masculina é sustentada por estruturas sociais que naturalizam a superioridade do homem e silenciam as mulheres. Em *Niketché*, a solidariedade feminina funciona como forma de enfrentamento dessas estruturas opressoras.

A transformação de Rami é gradual e significativa. No início da obra, ela apresenta-se insegura, dependente emocionalmente do marido e presa aos valores patriarcais. Contudo, ao longo da narrativa, torna-se uma mulher consciente do seu valor, da sua identidade e da necessidade de libertação feminina. Além da crítica social, a obra valoriza diversos elementos da cultura africana, como danças tradicionais, rituais de iniciação, oralidade e ancestralidade. Esses elementos fortalecem a identidade cultural moçambicana presente na narrativa e aproximam o romance das tradições africanas.

Niketché apresenta-se como uma narrativa de denúncia social e emancipação feminina, abordando temas como poligamia, desigualdade de gênero, tradição cultural, identidade africana e resistência das mulheres diante da opressão patriarcal.

4. A CONDIÇÃO FEMININA EM NIKETCHÉ

Um dos temas mais relevantes da obra *Niketche: Uma História de Poligamia*, da escritora Paulina Chiziane, é a condição da mulher na sociedade moçambicana. Ao longo da narrativa, a autora apresenta uma crítica profunda às estruturas patriarcais que historicamente colocam a mulher em posição de submissão, dependência e silenciamento. A obra evidencia como as relações sociais são organizadas de forma desigual, favorecendo o poder masculino em detrimento da liberdade feminina.

Paulina demonstra que as mulheres são educadas desde a infância para servir aos homens e aceitar determinadas formas de sofrimento como algo natural dentro do casamento. As personagens femininas aprendem a obedecer, cuidar da família e preservar a honra do lar, mesmo quando sofrem abandono, traição ou violência emocional. Segundo Beauvoir (1980), a sociedade patriarcal transforma a mulher em “o outro”, isto é, um ser subordinado ao homem e privado de autonomia plena. Essa realidade manifesta-se claramente na trajetória de Rami e das demais personagens femininas do romance.

Na narrativa, as mulheres sofrem diferentes formas de violência, não apenas física, mas também psicológica, emocional, econômica e simbólica. Muitas vezes, o sofrimento feminino é invisibilizado pela própria sociedade, que considera normal a submissão da mulher ao marido. Rami, por exemplo, vive constantemente angustiada pela ausência de Tony, pela insegurança emocional e pela necessidade de corresponder ao modelo de “boa esposa” imposto culturalmente.

Além disso, a obra revela como a sociedade responsabiliza frequentemente a mulher pelos problemas familiares. Quando ocorre infidelidade masculina, o fracasso do casamento ou conflitos

domésticos, a culpa geralmente recai sobre a esposa, considerada incapaz de satisfazer ou manter o marido. Essa lógica patriarcal faz com que as próprias mulheres reproduzam comportamentos opressores contra outras mulheres, fortalecendo a dominação masculina.

Segundo Bourdieu (2012), a dominação masculina funciona de forma simbólica, sendo incorporada pelas próprias vítimas através da educação e das práticas sociais. Em *Nikette*, observa-se que muitas personagens femininas internalizam valores patriarcais e acreditam que o sofrimento faz parte natural da vida conjugal.

O controle do corpo feminino constitui outro aspecto central da obra. O corpo da mulher aparece como espaço de submissão, vergonha e repressão social, pois é constantemente julgado pela aparência, pela sexualidade e pelo comportamento. Enquanto os homens desfrutam de maior liberdade sexual, as mulheres são submetidas a normas culturais rígidas que regulam seus desejos e sua presença social.

Rami, personagem principal da narrativa, carrega no próprio corpo os sinais da opressão social e emocional. Sua autoestima é profundamente afetada pelas traições de Tony e pela sensação constante de inadequação. Segundo Foucault (1987), o corpo é um espaço de controle social, onde diferentes formas de poder disciplinam os indivíduos. Na obra, percebe-se que o corpo feminino torna-se alvo das imposições patriarcais e culturais.

Entretanto, Chiziane não apresenta apenas mulheres submissas e silenciadas. A autora constrói também uma narrativa de resistência e emancipação feminina. Ao longo da história, Rami e as outras

mulheres desenvolvem consciência crítica sobre sua condição social e passam a questionar os padrões impostos pela sociedade patriarcal. A solidariedade entre as mulheres representa um dos principais elementos de transformação na obra. Em vez de permanecerem rivais disputando a atenção de Tony, elas unem-se em torno de experiências comuns de sofrimento e exclusão. Essa união fortalece a autoestima feminina e contribui para a construção de uma identidade coletiva baseada no apoio mútuo.

Segundo hooks (2019), a resistência feminina nasce quando as mulheres reconhecem coletivamente as estruturas de opressão e passam a lutar por autonomia e liberdade. Em *Niketche*, essa transformação coletiva simboliza a emancipação feminina e o rompimento com os padrões patriarcais tradicionais. Além disso, Paulina Chiziane apresenta mulheres que buscam independência econômica e emocional, demonstrando que a libertação feminina depende também da autonomia social. Assim, a obra ultrapassa a simples denúncia social e transforma-se numa narrativa de conscientização e resistência.

Portanto, a condição feminina em *Niketche* é apresentada de forma complexa e crítica, revelando tanto as formas de opressão vividas pelas mulheres quanto sua capacidade de resistência e transformação social. A autora denuncia as desigualdades de gênero existentes na sociedade moçambicana e, simultaneamente, valoriza a força feminina na luta pela liberdade e dignidade.

5. A POLIGAMIA

A poligamia constitui o eixo central do romance *Niketche: Uma História de Poligamia*. Contudo, Paulina Chiziane não aborda o tema

de maneira simplista ou superficial. A autora utiliza a poligamia como instrumento de reflexão crítica sobre tradição cultural, relações de poder, desigualdade de gênero e opressão feminina na sociedade moçambicana.

Na narrativa, a poligamia praticada por Tony apresenta características diferentes da poligamia tradicional africana. Embora ele utilize argumentos culturais para justificar seus relacionamentos com várias mulheres, suas atitudes revelam irresponsabilidade afetiva, abandono familiar e autoritarismo masculino. Tony mantém várias mulheres em diferentes regiões do país, mas não estabelece relações equilibradas nem assume plenamente suas responsabilidades como companheiro e pai.

Paulina Chiziane procura demonstrar que muitas práticas consideradas tradicionais foram modificadas pelas influências coloniais e patriarcais, tornando-se instrumentos de exploração e desigualdade social. Dessa forma, a autora desconstrói a ideia de que a tradição africana deve ser aceita de maneira acrítica. A obra evidencia que o principal problema não está necessariamente na existência da poligamia, mas nas desigualdades de poder presentes nas relações entre homens e mulheres. Enquanto os homens desfrutam de liberdade social e sexual, as mulheres são educadas para a obediência, fidelidade e submissão. Essa diferença demonstra a presença de uma sociedade profundamente patriarcal.

Segundo Bourdieu (2012), o poder masculino é frequentemente naturalizado pelas estruturas sociais, fazendo com que determinadas formas de desigualdade pareçam legítimas ou normais. Em *Niketche*, Tony representa exatamente essa figura

masculina que utiliza a cultura e a tradição para legitimar seu domínio sobre as mulheres.

Além disso, Paulina Chiziane critica a hipocrisia social existente em relação ao comportamento masculino e feminino. A sociedade condena severamente mulheres consideradas “desobedientes” ou “imorais”, enquanto tolera e até valoriza atitudes masculinas relacionadas à infidelidade e à poligamia. Essa diferença de tratamento evidencia a desigualdade de gênero presente no contexto social moçambicano.

Entretanto, a autora apresenta uma abordagem inovadora ao transformar a experiência da poligamia em espaço de solidariedade feminina. Em vez de rivalidade entre as esposas e amantes de Tony, surge uma relação de amizade, apoio e cooperação entre elas. Essa união rompe com a lógica patriarcal que incentiva a competição entre mulheres pela atenção masculina. Rami, inicialmente marcada pelo ciúme e sofrimento, passa a compreender que as outras mulheres também são vítimas da mesma estrutura opressora. A partir desse reconhecimento, constrói-se uma rede de solidariedade feminina baseada na partilha das dores, experiências e dificuldades comuns.

Segundo hooks (2019), a união entre mulheres constitui uma importante forma de resistência contra sistemas de opressão patriarcal. Em *Niketche*, essa solidariedade transforma-se numa ferramenta de fortalecimento feminino e de questionamento das relações tradicionais de poder.

O choque entre tradição e modernidade aprofunda essa crítica. A obra mostra uma sociedade moçambicana em transformação, na

qual costumes antigos convivem com influências urbanas, coloniais e modernas. Nesse contexto, a poligamia aparece como prática ambígua: ao mesmo tempo em que remete a tradições culturais, pode ser usada para sustentar desigualdades e justificar a violência simbólica contra as mulheres. Chiziane valoriza a cultura africana, mas recusa sua utilização como argumento para legitimar injustiças sociais.

A poligamia em *Niketche* deve ser entendida como um símbolo das relações desiguais de poder existentes na sociedade patriarcal. A obra denuncia a opressão feminina, questiona práticas culturais discriminatórias e propõe novas formas de convivência baseadas na solidariedade, igualdade e emancipação das mulheres.

6. TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Um dos aspectos mais significativos da obra é o conflito entre tradição e modernidade na sociedade moçambicana. Ao longo da narrativa, Paulina Chiziane apresenta um país marcado por transformações sociais e culturais decorrentes tanto das permanências africanas ancestrais quanto das marcas deixadas pela colonização europeia.

Moçambique surge na obra como um espaço dividido entre valores tradicionais e práticas modernas herdadas do colonialismo português. Após a independência nacional, o país passou por intensos processos de reorganização social, mas muitos costumes e estruturas coloniais permaneceram presentes no cotidiano da população. Segundo Hall (2006), as sociedades pós-coloniais vivem constantemente crises de identidade cultural, pois precisam equilibrar heranças tradicionais e influências externas modernas.

Chiziane demonstra que diversos valores considerados “tradicionais” foram modificados pela colonização europeia. A influência ocidental alterou relações familiares, sociais e afetivas, transformando práticas culturais africanas em mecanismos de controle e desigualdade. Assim, algumas formas de opressão feminina presentes na sociedade contemporânea não derivam exclusivamente da tradição africana, mas também das interferências coloniais e patriarcais.

“O colonizado é elevado acima da sua condição de selva na proporção em que adota os valores culturais da metrópole” (FANON, 2008, p. 34).

Essa afirmação evidencia que o colonialismo não se limitou à dominação territorial, mas interferiu profundamente na cultura e nas formas de organização social dos povos colonizados. Em *Niketché*, os conflitos vividos pelas personagens femininas refletem justamente esse choque entre tradições culturais africanas e valores associados à modernidade ocidental.

Apesar das críticas às estruturas patriarcais, a autora valoriza diversos elementos da cultura africana ao longo da narrativa, como danças tradicionais, rituais, provérbios, ancestralidade, iniciação feminina e oralidade. Esses elementos fortalecem a identidade moçambicana e contribuem para a preservação das tradições africanas dentro da obra. Segundo Hampâté Bâ (2010), nas culturas africanas a tradição oral desempenha papel fundamental na transmissão da memória coletiva, dos valores sociais e da identidade cultural.

A dança *niketché*, por exemplo, possui grande importância simbólica no romance. Trata-se de uma dança tradicional feminina

praticada no norte de Moçambique durante cerimónias culturais e rituais de iniciação. Na narrativa, essa dança representa liberdade, sensualidade, força feminina e valorização da cultura africana.

Além disso, os rituais de iniciação femininos apresentados na obra revelam práticas culturais transmitidas entre gerações. Esses rituais ensinam valores relacionados ao casamento, à sexualidade, ao comportamento social e ao papel da mulher dentro da comunidade. Embora alguns desses ensinamentos reforcem padrões patriarcais, a autora também mostra sua importância na construção da identidade cultural africana.

Outro elemento fundamental da narrativa é a oralidade. As personagens comunicam-se frequentemente através de histórias, lendas, provérbios, conselhos e narrativas tradicionais. Essa característica aproxima a obra das tradições orais africanas, nas quais o conhecimento é transmitido pela palavra falada.

Segundo Leite (2012), a oralidade constitui uma das principais características da literatura africana contemporânea, funcionando como instrumento de preservação cultural e resistência histórica. Em *Niketché*, Paulina Chiziane utiliza uma linguagem marcada pela musicalidade, repetição e expressões populares típicas da tradição oral moçambicana. Os provérbios presentes na narrativa possuem função pedagógica e filosófica. Eles expressam sabedoria popular, ensinamentos ancestrais e reflexões sobre a vida social. Além disso, reforçam a ligação entre passado e presente, tradição e modernidade.

Dessa forma, Paulina Chiziane constrói uma obra que dialoga simultaneamente com o universo tradicional africano e com os

desafios da modernidade pós-colonial. A autora valoriza a cultura moçambicana sem deixar de questionar práticas que produzem desigualdade e opressão feminina.

Portanto, o conflito entre tradição e modernidade em *Niketche* representa não apenas uma questão cultural, mas também um debate sobre identidade, liberdade e transformação social. A obra demonstra que tradição e modernidade coexistem de forma complexa na sociedade moçambicana, influenciando profundamente as relações humanas e a condição feminina.

7. A PERSONAGEM RAMI

Rami é a protagonista e narradora de *Niketche: Uma História de Poligamia* e constitui uma das personagens femininas mais importantes da literatura africana contemporânea. Sua trajetória ao longo da narrativa representa o despertar da consciência feminina diante das estruturas patriarcais presentes na sociedade moçambicana.

No início do romance, Rami apresenta-se como uma mulher emocionalmente dependente do marido, Tony, e profundamente ligada aos valores tradicionais do casamento. Ela acredita que a felicidade conjugal depende exclusivamente da dedicação da mulher ao marido e à família. Sua identidade está fortemente associada ao papel de esposa obediente e cuidadora do lar. Segundo Beauvoir (1980), a sociedade patriarcal educa as mulheres para viverem em função dos homens, limitando sua autonomia e liberdade individual. Essa realidade é claramente observada na vida de Rami, que durante muito tempo aceita silenciosamente o abandono afetivo e as ausências constantes do marido.

A descoberta das várias mulheres de Tony provoca uma profunda crise emocional na protagonista. Inicialmente, Rami sente-se humilhada, traída e incapaz de compreender sua própria situação. Entretanto, essa experiência transforma-se gradualmente em oportunidade de autoconhecimento e amadurecimento psicológico.

Ao entrar em contato com as outras mulheres de Tony, Rami percebe que todas vivem situações semelhantes de sofrimento, submissão e abandono emocional. Essa convivência permite que ela compreenda que sua dor não é individual, mas resultado de uma estrutura social patriarcal que oprime as mulheres.

Para hooks (2019), a conscientização feminina ocorre quando a mulher reconhece as estruturas sociais responsáveis por sua opressão. Em *Nikette*, esse processo de conscientização é fundamental para a transformação da personagem.

A evolução psicológica de Rami constitui um dos aspectos centrais do romance. Ao longo da narrativa, ela deixa de aceitar passivamente a dominação masculina e passa a questionar os valores patriarcais que sustentam sua submissão. Sua mudança não acontece de forma imediata, mas através de conflitos internos, reflexões e experiências compartilhadas com outras mulheres.

Além disso, Rami desenvolve uma nova percepção sobre si mesma e sobre seu próprio valor enquanto mulher. Ela compreende que sua identidade não deve depender exclusivamente do casamento ou da aprovação masculina. Essa transformação representa um importante processo de emancipação feminina. Como observa Bourdieu (2012), a dominação masculina mantém-se por meio de mecanismos simbólicos que levam as mulheres a naturalizar

posições subordinadas. Em *Niketché*, Rami rompe gradualmente com essa lógica ao desenvolver autonomia emocional e consciência crítica.

A personagem também simboliza a mulher africana moderna, dividida entre tradição cultural e desejo de liberdade. Ela vive o conflito entre respeitar os costumes sociais e buscar autonomia pessoal. Esse dilema reflete os desafios enfrentados por muitas mulheres nas sociedades africanas pós-coloniais.

Além disso, Rami representa a possibilidade de resistência feminina dentro de um sistema patriarcal. Sua trajetória demonstra que a transformação social pode começar através da conscientização individual e da solidariedade entre mulheres.

Portanto, Rami não é apenas a protagonista da narrativa, mas também símbolo da luta feminina por liberdade, dignidade e autonomia. Sua evolução psicológica e emocional transforma-a em uma personagem profundamente humana e representativa das tensões sociais presentes na obra.

8. LINGUAGEM E ESTILO LITERÁRIO

A linguagem utilizada por Paulina Chiziane em *Niketché: Uma História de Poligamia* constitui um dos elementos mais marcantes da obra. A autora constrói uma narrativa poética, simbólica e profundamente influenciada pela oralidade africana, combinando crítica social, reflexão filosófica, humor e ironia.

A escrita de Paulina Chiziane aproxima-se das tradições orais moçambicanas através do uso de provérbios, expressões populares, repetições e histórias simbólicas. Segundo Leite (2012), a oralidade é

uma característica essencial da literatura africana, pois permite preservar memórias culturais e fortalecer identidades coletivas.

Na obra, as personagens frequentemente comunicam-se através de conselhos, lendas, histórias tradicionais e provérbios ancestrais. Essa forma de linguagem aproxima o leitor da cultura moçambicana e reforça a autenticidade da narrativa.

Além disso, Paulina Chiziane utiliza uma linguagem fortemente simbólica. Diversos elementos da obra possuem significados culturais e psicológicos profundos. A dança *niketche*, por exemplo, funciona como símbolo de liberdade feminina, sensualidade, resistência cultural e valorização do corpo da mulher. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), os símbolos possuem capacidade de representar experiências humanas complexas através de imagens culturais e emocionais. Em *Niketche*, os símbolos ajudam a construir reflexões sobre identidade feminina, opressão social e liberdade.

Outro aspecto importante do estilo literário da autora é o uso do fluxo de consciência. A narrativa acompanha constantemente os pensamentos, dúvidas, angústias e reflexões internas de Rami. Esse recurso permite aprofundar a dimensão psicológica da personagem e compreender seus conflitos emocionais.

Além disso, os monólogos interiores utilizados por Rami revelam suas inquietações sobre casamento, amor, submissão e identidade feminina. Segundo Moisés (2006), o fluxo de consciência é uma técnica narrativa que busca representar o movimento interior da mente humana, aproximando o leitor da subjetividade das personagens.

A obra também combina humor e ironia em diversos momentos. Mesmo tratando de temas dolorosos como traição, desigualdade de gênero e sofrimento feminino, Paulina Chiziane utiliza passagens irônicas para criticar comportamentos sociais e denunciar hipocrisias culturais. Outro elemento relevante refere-se à musicalidade da linguagem. A repetição de frases, ritmos e expressões aproxima a escrita da oralidade africana e cria uma narrativa fluida e envolvente.

A autora mistura linguagem poética e crítica social, permitindo que o romance seja simultaneamente artístico e politicamente reflexivo. Segundo Candido (2006), a literatura possui capacidade de sensibilizar o leitor e promover reflexão crítica sobre a realidade social.

Portanto, o estilo literário de Paulina Chiziane em *Niketche* caracteriza-se pela riqueza simbólica, pela influência da oralidade africana, pela profundidade psicológica das personagens e pela crítica social presente na narrativa. Esses elementos tornam a obra uma importante representação da literatura africana contemporânea de língua portuguesa.

9. FEMINISMO E CRÍTICA SOCIAL

A obra *Niketche: Uma História de Poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, apresenta uma forte dimensão feminista e uma profunda crítica social às estruturas patriarcais presentes na sociedade moçambicana. Embora Paulina Chiziane tenha afirmado em diversas entrevistas que não deseja ser limitada apenas à classificação de “escritora feminista”, sua produção literária

evidencia preocupações centrais relacionadas à condição feminina, à desigualdade de gênero e à luta pela emancipação das mulheres.

Ao longo da narrativa, a autora denuncia diferentes formas de violência e opressão sofridas pelas mulheres dentro da sociedade patriarcal, entre elas a violência simbólica, a desigualdade de gênero, o silenciamento feminino, a submissão cultural, a dependência econômica e a exclusão social.

Esses elementos revelam uma sociedade marcada por relações desiguais de poder, nas quais os homens ocupam posições privilegiadas enquanto as mulheres são frequentemente reduzidas à obediência e ao silêncio.

Segundo Beauvoir (1980), a opressão feminina não resulta apenas de fatores biológicos, mas principalmente de construções sociais e culturais que historicamente colocaram a mulher em condição de inferioridade. Em *Niketche*, essa realidade manifesta-se claramente através das experiências de Rami e das outras personagens femininas, que foram educadas para aceitar o sofrimento como parte natural do casamento e da vida familiar.

Segundo hooks (2019), o feminismo constitui um movimento de luta contra o sexismo, a exploração e a opressão feminina. Em *Niketche*, o feminismo manifesta-se especialmente através da solidariedade entre mulheres e da busca pela liberdade individual e coletiva.

A trajetória de Rami simboliza esse processo de conscientização e resistência. Inicialmente presa aos valores patriarcais, ela gradualmente compreende que sua submissão não é natural, mas socialmente construída. Esse despertar feminino representa uma crítica direta às estruturas culturais que silenciam e marginalizam as

mulheres. Outro aspecto importante da crítica social presente na obra refere-se às desigualdades económicas e emocionais enfrentadas pelas personagens femininas. Muitas delas dependem financeiramente de Tony e vivem situações de abandono afetivo. A dependência económica aparece como um dos principais mecanismos de manutenção da dominação masculina.

Segundo Freire (1987), a conscientização é fundamental para que os indivíduos compreendam as estruturas responsáveis por sua opressão e possam lutar pela transformação social. Em *Niketche*, as personagens femininas desenvolvem gradualmente essa consciência crítica e passam a construir novas formas de convivência baseadas na solidariedade e no apoio mútuo.

A obra também propõe uma reflexão sobre o lugar da mulher africana na sociedade contemporânea. As personagens femininas buscam romper com os modelos tradicionais de submissão e procuram conquistar autonomia social, económica e emocional. Essa busca representa uma importante forma de resistência contra os padrões patriarcais impostos culturalmente. Além disso, Paulina Chiziane transforma a vergonha feminina em instrumento de resistência política e social. Situações que inicialmente geram humilhação e sofrimento tornam-se oportunidades de fortalecimento coletivo e emancipação das mulheres. Dessa forma, a autora demonstra que a experiência da dor pode transformar-se em consciência crítica e luta por liberdade.

Portanto, *Niketche* constitui uma obra profundamente marcada pela crítica feminista e pela denúncia das desigualdades sociais. A narrativa questiona estruturas patriarcais, valoriza a resistência

feminina e propõe novas possibilidades de identidade, liberdade e convivência social para as mulheres africanas contemporâneas.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Niketche: Uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane, permite compreender a poligamia como eixo narrativo de uma crítica mais ampla às estruturas patriarcais da sociedade moçambicana pós-colonial. A obra articula denúncia social, reflexão cultural e elaboração estética, mostrando que a opressão feminina se manifesta tanto nas relações conjugais quanto nos discursos tradicionais que legitimam a autoridade masculina.

A trajetória de Rami demonstra que a transformação feminina ocorre por meio da tomada de consciência e da construção de vínculos solidários entre mulheres. Ao descobrir as relações de Tony, a personagem abandona progressivamente a posição de vítima isolada e passa a reconhecer que sua dor integra uma estrutura social compartilhada. Esse deslocamento transforma o sofrimento em possibilidade de resistência coletiva.

Ao mesmo tempo, o romance valoriza elementos da cultura africana, como oralidade, provérbios, rituais, ancestralidade e dança, sem tratá-los de forma idealizada. Chiziane preserva a força simbólica dessas práticas, mas questiona sua utilização quando servem para manter desigualdades, silenciamentos e formas de violência contra as mulheres.

Dessa forma, *Niketche* afirma-se como uma obra de resistência cultural e emancipação feminina. Sua relevância literária está na capacidade de unir crítica social, construção simbólica e linguagem

marcada pela oralidade, contribuindo para os estudos feministas, pós-coloniais e culturais da literatura africana de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista*. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. São Paulo: Pallas, 2010.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Maputo: Imprensa Universitária, 2012.

MATA, Inocência. *Literatura africana e crítica pós-colonial: reconversões*. Lisboa: Colibri, 2010.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

¹ UFPA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² UFPA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)